

O velório do Carequinha

Aos oito anos de idade não se têm muitas dúvidas filosóficas, mas questões básicas da filosofia do tipo “*de onde viemos?*”, “*para onde vamos?*” e “*qual é o sentido da vida?*”, não demoram a aparecer, geralmente, quando estamos aborrecidos.

Estranho é que a resposta a tais perguntas não aparece, por mais que se procure. Intrigante mesmo é saber que aos vinte, aos trinta, e que, provavelmente por toda a nossa vida, elas permanecerão indecifráveis.

Eu costumava ser a sombra do meu pai, que como sempre, ia ao Boteco do Bigode tomar o seu relaxante muscular diário. Lá, sempre encontrava o Zico, o João-mecânico, o Lagarto, e outras parcerias – Unidos pela Cachaça. Além, é claro, do protagonista desta estória: o Carequinha.

Nunca soube das origens do Carequinha. Pelo que falavam, era um pobre coitado, sem eira nem beira, que vagava dia após o outro, sem nenhuma projeção. Homem de poucos gestos e poucas palavras, sem nenhum tostão, mas com grande disposição para beber até apagar. Talvez porque quisesse esquecer algo. Talvez porque quisesse esquecer alguém. Possivelmente as duas coisas. O fato é que ninguém nunca se importou muito com isso.

Não havia muita variação no cotidiano da minha terra. O sol se punha e a noite caía sobre as ruas do vilarejo. No boteco, não demorava a aparecer alguém que oferecesse um trago, cortesia, ao Carequinha, sob a condição de que este fosse bebido de guti guti. Ele sempre aceitava a oferta. Bebia um, dois, três, quatro tragos... Então, era só aguardar uns quinze minutos para ele apagar e, assim, começar o seu velório de cada dia.

Um lençol branco era posto sobre a mesa de sinuca que ficava em uma grande área coberta, situada à frente do boteco, depois era colocado o “corpo”, outro lençol branco, flores avulsas colhidas no mato, uma coroa de flores artificial e muitas velas acesas, de modo que, apagadas as lâmpadas da área, a iluminação à luz de velas desse um clima bem mais pitoresco à cena.

Ao som do pandeiro do Zico e da viola de outro sujeito estranho qualquer, os bêbados bebiam e cantarolavam em volta da mesa, como que em homenagem ao “falecido”.

As pessoas que passavam se impressionavam e sempre que alguém se aproximava o João-mecânico jogava-se de joelhos ao lado do “difa” e desmanchava-se choro e lágrimas e súplicas de “*não nos deixe*”.

Qualquer um que entrava, perguntava:

- *O que houve?*

Qualquer um que respondia, dizia:

- *Infarto! Enfartou...*

Qualquer um se comovia. Tudo era tão real.

Até que o Carequinha começava a dar sinais de vida e tudo era recolhido às pressas e guardado para o dia seguinte, sem que o “ressuscitado” tivesse consciência do ocorrido, sentindo apenas que tivesse descansado por algumas horas. Tendo acordado, ia embora.

Essa brincadeira repetiu-se por meses e, durante todo esse tempo, a morte me pareceu muito engraçada. Até que certo dia, vindo da escola, avistei uma pequena multidão de curiosos, aglomerados à beira de uma vala de estrada, na qual diziam ter um homem morto. Fui até a margem para ver se o conhecia, foi quando avistei o mais famoso finado da minha infância: o Carequinha.

Fiquei ali, diante do corpo, por um longo tempo. Curtindo aquele momento. Parecia uma grande festa, com muito mais pessoas do que normalmente costumava ter no Boteco do Bigode. O corpo permaneceu imóvel por mais tempo do que o de costume e seu rosto estava pálido.

Começou anoitecer, as pessoas começaram a ir embora e o Carequinha não mais ressuscitou. Foi quando eu percebi que havia acabado a brincadeira. Foi a primeira vez que eu vi a morte de perto.

Nunca descobri o sentido da vida, mas aprendi de imediato que os homens brincam com a Morte, mas que a Morte não brinca em serviço.

Naquela noite, meu pai e seus amigos se encontraram no Boteco do Bigode. Ninguém foi ao velório. E foi a única vez que eu vi um grupo de bêbados cétricos rezarem de mãos dadas.